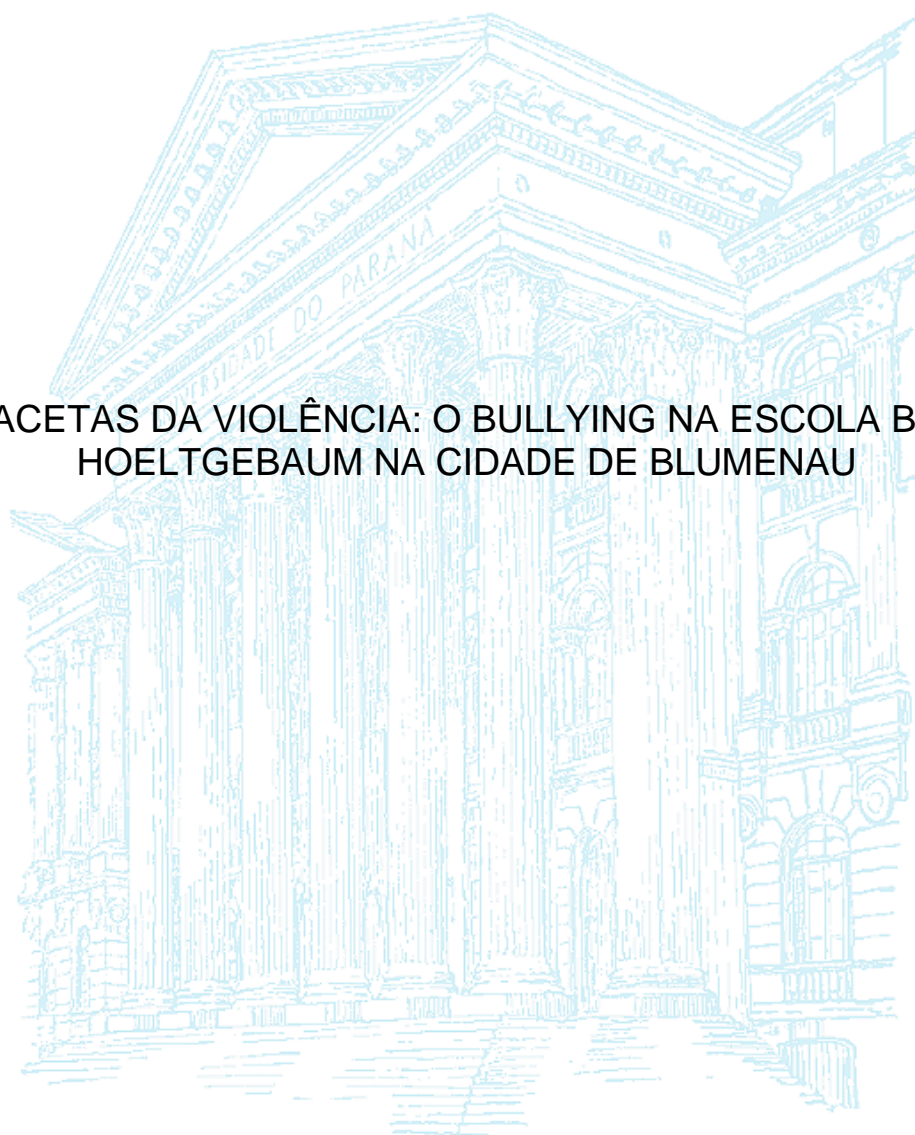


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANILSO ALVES DE SOUZA

AS FACETAS DA VIOLÊNCIA: O BULLYING NA ESCOLA BRUNO
HOELTGEBAUM NA CIDADE DE BLUMENAU



BLUMENAU
2016

DANILSO ALVES DE SOUZA

AS FACETAS DA VIOLÊNCIA: O BULLYING NA ESCOLA BRUNO HOELTGEBAUM NA CIDADE DE BLUMENAU

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Aline de Oliveira
Gonçalves

Co-orientador: Prof. Clóvis Wanzinack

BLUMENAU
2016

AS FACETAS DA VIOLÊNCIA: O BULLYING NA ESCOLA BRUNO HOELTGEBAUM NA CIDADE DE BLUMENAU

Danilso Alves de Souza¹; Aline de Oliveira Gonçalves²; Clóvis Wanzinack³

¹Pedagogo, formado pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Atualmente é Coordenador do Programa Mais Educação do Governo Federal na Escola de Educação Básica Bruno Hoeltgebaum.
E-mail: danilso.souza@hotmail.com.

²Jornalista, formada pela PUC-PR, especialista em sociologia política, pela UFPR. Atualmente é jornalista no Setor Litoral da UFPR.
alinegoncalves@gmail.com

³Mestre em Desenvolvimento Regional, FURB. Professor da UFPR.

RESUMO

A motivação para a elaboração da presente pesquisa surgiu com o intuito de compreender como a cultura do individualismo, do isolamento social e do culto ao corpo se colocam como um desafio à formação de seres humanos conscientes de que a beleza da vida não está relacionada ao egocentrismo, mas sim no respeito às diferenças. Esta pesquisa qualiquantitativa teve por finalidade a investigação, o levantamento de dados e a possível intervenção nas situações em que os estudantes que não se enquadram aos arquétipos preestabelecidos pela microsociedade escolar são excluídos por não se encaixarem nesses padrões. Pôde-se constatar que tais situações de violência acabam incentivando a segregação e oportunizando o surgimento do *bullying* dentro e fora dos muros das unidades de ensino, onde os que não se enquadram nos estereótipos de gênero, estéticos, raciais, religiosos, financeiros e/ou culturais acabam excluindo de seu meio todos os que por eles são considerados menos favorecidos.

Palavras-chave: *bullying*; escola; diferenças; respeito.

ABSTRACT

The motivation for the preparation of this research appeared in order to understand as the culture of individualism, social isolation and the cult of the body stands as a challenge to the formation of human beings aware that the beauty of life is respect for differences. This qualitative-quantitative research aimed to investigation, data collection and possible intervention in situations where students who do not meet the pre-established archetypes for school microsociety are excluded because they do not fit these standards. It can be seen that such situations eventually encourage segregation, and providing opportunities for the emergence of bullying inside and outside the walls of educational units, where those who do not fit the gender stereotypes, aesthetic, racial, religious, financial and / or cultural end up excluding from their midst all that they are considered unfortunate.

Keywords: *bullying*; school; differences; respect.

INTRODUÇÃO

A agressividade nas escolas é um problema universal. “O *bullying* e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência” (NETO, 2005, p. 2) o que torna cada vez mais comum encontrar nos ambientes escolares, alunos e alunas sendo motivos das risadas e da chacota, seja por serem negros, obesos, homossexuais, por serem repetentes ou até mesmo pelo simples fato de não pertencerem ao mesmo gênero dos violentadores. Tais atitudes violentas são expressadas através de piadinhas ou até mesmo pelo isolamento social ali criado, que pode ser denominado *bullying*.

Bullying é uma palavra proveniente do verbo inglês *bully*, uma expressão utilizada para indicar pessoa intimidadora, muitas vezes agindo de forma agressiva, utilizando vantagens físicas ou morais para intimidar, amedrontar ou apavorar outrem. Esse termo vem sendo adotado para definir comportamentos premeditados, repetitivos, agressivos, perversos, intencionais de violência de forma física ou psicológica com o intuito de coagir alguém para obter algum favorecimento ou por bel-prazer. (WANZINACK, 2014, p. 67).

Estudos sobre as influências do *bullying* no espaço escolar já são realizados, tornando esta situação cada vez mais preocupante alvo de estudos acerca desse fenômeno. Frequentemente espalham-se pelos telejornais, redes sociais e outros veículos de comunicação indecorosas cenas de violência das mais variadas formas e pouco se testemunham os esforços realizados para o enfrentamento dessas situações causadoras de graves sequelas muitas vezes irreversíveis tanto na esfera individual como na social.

Para Trautmann (2008 citado por WANZINAK, 2014) “os meninos tendem a vitimizar mais quando comparados às meninas, além de utilizarem mais da agressão física e verbal”. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE (IBGE, 2009) os meninos de 5º aos 8º anos são apresentados como as maiores vítimas de *bullying* representando 34,5% entrevistados em todas as regiões brasileiras. Já a pesquisa realizada na Escola de Educação Básica Bruno Hoeltgebaum os entrevistados acreditam que o gênero feminino é o mais vitimado na instituição, sendo representado por 40,76%. Partindo desse pressuposto e da análise dos resultados da pesquisa vê-se que neste ponto a Instituição difere à tendência nacional de ter os meninos como maiores agressores.

Mesmo com a decisão do Ministério da Educação de incluir na Proposta Curricular a Educação Sexual e a Diversidade nas redes de ensino brasileiro,

muitas foram as alterações feitas devido à pressão das “bancadas religiosas e com respaldo das igrejas evangélicas e católica, deputados [...] retiraram dos Planos estaduais de Educação referências a identidade de gênero, diversidade e orientação sexual” (BRITTO, REIS, 2015, p. 1).

No caso das escolas estaduais de Santa Catarina a proposta curricular, atualizada em 2014, contempla tais discussões e as unidades de ensino já estão incorporando-as em seus Projetos Políticos Pedagógicos. A Proposta Curricular de Santa Catarina (2014, p. 59), afirma que:

Uma Educação para Diversidade Sexual reconhece que, nos sujeitos LGBT, a identidade de gênero assume ainda mais importância na medida em que estão sujeitos a discriminações homofóbicas, lesbofóbicas, transfóbicas e exclusão social.

E continua sua reflexão assegurando que:

O reconhecimento e o respeito às diferenças sexuais são tão importantes quanto o respeito à diversidade de crença religiosa. A laicidade do Estado, bem como a laicidade dos currículos escolares é fundamental para que a escola discuta as pluralidades, em todas as suas nuances e desdobramentos, como produto da ação humana e da cultura, a partir do conhecimento científico. (SANTA CATARINA, 2014. p. 60)

Sendo o Projeto Político Pedagógico um documento que possui em seu corpo a Proposta Curricular além das singularidades características de cada instituição (LIMA; ZANLORENZI; PINHEIRO, 2011, p. 177) pode-se afirmar que há a necessidade de se trabalhar as questões de *bullying* dentro das instituições de ensino, tanto com os estudantes, quanto com os profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, além de seus familiares.

Outro grande problema vivenciado no cotidiano escolar, mas que ultrapassa seus muros é o *cyberbullying*, que se caracteriza em situações de violência virtual que causam constrangimento e até mesmo danos psicológicos tanto quanto o *bullying*.

Maldonado (2010, citado por WANZINACK *et al.*, 2014, p. 71) expõe que no *cyberbullying*, com a divulgação e propagação das mensagens via internet, os ataques tornam-se ainda mais poderosos e destruidores, no sentido de replicação das informações.

Neste tipo de violência fatores devem ser considerados para o melhor entendimento de tal prática: o primeiro é o fato de que o *bullying* virtual pode alcançar proporções colossais que causam danos muitas vezes irreversíveis às vítimas do mesmo; o segundo fator refere-se ao fato de que o agressor não tem a

necessidade de estar próximo, sendo assim, “o agressor/a não precisa ser mais forte fisicamente que a vítima” (WANZINACK, 2014, p. 71).

OBJETIVOS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral estudar e analisar os motivos que levam os discentes a praticar o *bullying*, buscando suporte teórico que contribua para o entendimento de tal comportamento, averiguando qual a proporção desta ameaça, que se alastra no cotidiano escolar, e visando ressaltar a importância de se trabalhar esse tema em uma unidade de ensino, na procura de estimular uma convivência que valorize a dignidade humana sem preconceitos.

De maneira mais específica os objetivos foram, diagnosticar o panorama atual da Unidade Escolar classificando as variações de *bullying* (direto e/ou indireto) predominantes dentro da Instituição e quais os sujeitos mais afetados nas turmas de sexto ao nono ano, primeiramente através da análise do Projeto Político Pedagógico da Instituição, observando e ponderando as práticas adotadas pela Unidade Escolar para enfrentar e combater o *bullying*. Elaboração e realização de possíveis intervenções pedagógicas nas turmas pesquisadas e por fim, observar os resultados pós-intervenções nas turmas para perceber se houve algum tipo de aproveitamento das ações propostas.

METODOLOGIA

A Escola de Educação Básica Bruno Hoeltgebaum, localizada no bairro Fortaleza, no município de Blumenau, Santa Catarina atende aproximadamente 780 estudantes do Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino.

O interesse em pesquisar como este fenômeno está presente nesta unidade de ensino surgiu das observações informais do cotidiano escolar e da sensação de que o mesmo não é devidamente trabalhado, seja por falta de informação ou simplesmente por ser mais fácil fechar os olhos perante esta realidade e idealizar a sua não existência.

As pesquisas de campo foram realizadas no decorrer do mês de setembro em dias alternados nos quais primeiramente foram realizadas conversas com a

equipe gestora da Instituição para que recebesse a autorização para realizar a pesquisa de campo. Na sequência, o diálogo ocorreu com alguns professores que se dispuseram a ceder algumas aulas, de acordo com suas possibilidades, para a realização das entrevistas com os estudantes.

Foram entrevistados 157 estudantes de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, o que corresponde a aproximadamente 22% dos estudantes da Instituição.

As primeiras impressões oportunizaram a criação da coleta de dados que culminou com a criação de uma pesquisa dirigida com afirmativas elaboradas a partir de vivências pessoais, conversas informais com os estudantes ou em conversas paralelas que foram captadas ao longo do processo, não deixando de tomar como base alguns referenciais teóricos previamente estudados.

A entrevista foi elaborada com uma questão e afirmativas divididas em seções. A pergunta teve por objetivo capturar as concepções dos entrevistados sobre o fenômeno *bullying* e as afirmativas foram dispostas em seções: a primeira no intuito de diagnosticar se eles/as em algum momento de suas vidas escolares já haviam sofrido algum tipo de violência; a segunda se já haviam praticado; a terceira se já haviam presenciado alguma situação; a quarta e última parte busca a impressão individual sobre quem sofre mais com o *bullying* na escola, os meninos ou as meninas.

Após as devidas apresentações e explicação da importância acadêmica da pesquisa, os alunos e alunas foram devidamente conscientizados da não obrigatoriedade da participação na entrevista, de que poderiam desistir de sua participação a qualquer momento, a importância da honestidade e que assinalassem somente as afirmativas que realmente se identificassem e que tivessem a certeza de que já vivenciaram repetidas vezes tais situações. As afirmativas foram lidas, explicadas e/ou exemplificadas uma a uma para não correr o risco de haver má interpretação das mesmas. Na questão subjetiva, o intuito era captar as impressões que os educandos possuem acerca do fenômeno *bullying* não foi feita nenhuma explicação para que as mesmas não sofressem influência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da elaboração

As conversas informais com os alunos nos corredores da escola serviram como fonte de inspiração que culminou na criação das primeiras garatujas do questionário da entrevista e na medida em que o tempo passou, os referenciais teóricos ajudaram a amadurecer e fomentar o desenvolvimento mais elaborado e enriquecido da mesma.

Ao organizar as informações coletadas informalmente procurou-se desenvolver uma entrevista de maneira que os estudantes pudessem compreender facilmente. Para que conseguisse o envolvimento dos mesmos, algumas afirmativas foram criadas para que assinalassem aquelas com quais mais se identificassem.

O corpo da entrevista foi subdividido em cinco seções. A primeira seção conta com uma pergunta subjetiva na qual cada entrevistado pôde dar seu parecer pessoal sobre o que entendem por *bullying* e *cyberbullying*.

Wanzinack (2014, p. 67), afirma que “algumas atitudes de forma direta ou indireta podem ser consideradas práticas e *bullying*, no entanto a vítima tende a receber uma vasta variação de brincadeiras maldosas”. Baseado neste pressuposto as demais seções foram elaboradas com afirmativas que demonstravam situações de *bullying* direto e indireto. Sendo assim, na segunda seção as afirmativas voltaram seus olhares às situações em que os educandos já tivessem sido vítimas de algum tipo de violência, em algum momento de sua vida escolar.

A terceira contemplou as mesmas afirmativas da seção anterior mas com algumas pequenas alterações, fazendo com que as mesmas passassem a caracterizar situações em que os entrevistados em algum momento de suas vidas escolares se viram como agressores.

A quarta seção teve o número de afirmativas reduzido, mas sem diminuir sua abrangência no intuito de compreender a percepção que eles têm do outro, seja ele, vítima ou agressor. Neste ponto também revelou o perfil dos espectadores, aquelas pessoas que presenciam a situação de agressão e que comumente optam, mesmo não apoiando tal iniciativa, por permanecerem em silêncio para não tornarem-se as próximas vítimas.

Por fim, a última seção visou identificar a visão deles a respeito de quem mais sofre com o *bullying* na escola, se eram os rapazes ou as garotas, na intenção de comparar com dados estatísticos oficiais e perceber se haveria semelhanças ou diferenças.

Da aplicação à análise dos resultados

Antes da aplicação do questionário, a apresentação como acadêmico de um curso de especialização e não como professor da unidade, fez-se necessária. Foram apresentados oralmente os objetivos com a mesma, ressaltando que aquele/a que não se sentisse a vontade não teria necessidade de participar e que teria a total liberdade de desistir da entrevista a qualquer momento, sem que sofressem nenhum tipo de dano.

A entrevista foi direcionada da melhor maneira possível para que não houvesse más interpretações durante o desenvolvimento da mesma. As afirmativas foram lidas uma a uma e exemplificadas quando necessário.

Durante a execução da entrevista, que foi coletiva, as mais diversas reações foram presenciadas. No início, muitos reagiram como se fosse brincadeira, mas a importância e a seriedade da mesma sempre foi ressaltada e que, mesmo havendo afirmativas consideradas hilárias, se vivenciadas repetidas vezes a ponto de tornarem-se ofensivas, poderiam ser caracterizadas como *bullying*.

Mensurando o problema

A entrevista demonstrou que dentro da Instituição predomina a violência verbal que é caracterizada pelos insultos, apelidos constrangedores, piadas pejorativas e/ou machistas, racistas, religiosas, homofóbicas, entre outros (WANZINACK, 2014, p. 68).

A tabela abaixo mensura as constatações obtidas durante a realização do presente trabalho:

Tabela 1 - Mensurando situações escolares que caracterizam as vítimas de violência.

Situações de <i>bullying</i> *	Sim	Não
Sofreu insultos por colegas	84	73
Sofreu insulto por professores	30	127
Piadas constrangedoras	73	84
Preconceito por etnia, religião, orientação sexual e peso	42	115
Agressão física	34	123
<i>Cyberbullying</i>	66	91

Fonte: dos autores

*Situações apresentadas em forma de afirmativas durante entrevista com 157 estudantes da Instituição analisada.

Na segunda seção que identifica possíveis agressores, o resultado apresentou-se diferente da primeira. Nela, a porcentagem dos que responderam positivamente as afirmativas propostas relacionadas ao *cyberbullying* representam maior percentual se comparado às situações de violência verbal, identificadas na tabela anterior. Veja a seguir:

Tabela 2 - Mensurando as situações escolares que caracterizam agressores.

Situações de <i>bullying</i> *	%
Insultou colegas	41,4
Apelidos e piadas constrangedoras	26,1
Preconceito por etnia, religião, orientação sexual e peso	34
Agressão física	25,5
<i>Cyberbullying</i>	54,2

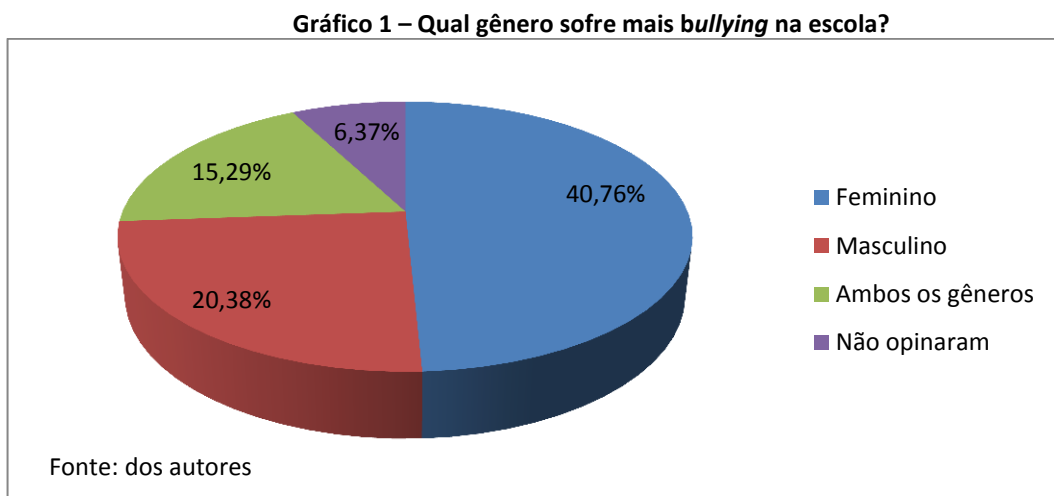
Fonte: dos autores

*Situações apresentadas em forma de afirmativas durante entrevista com 157 estudantes da Instituição analisada.

A geração atual vive na era digital e conseqüentemente atos de violência transcendem o mundo real e permeiam inescrupulosamente o mundo virtual. Quando esse tipo de violência ocorre nas redes sociais, sites, blogs ou até mesmo por celulares, por meio de aplicativos de troca de mensagens, denominamos de *cyberbullying*. Com os entrevistados esse é um assunto que também merece ser destacado, pois a frase que questionava se em algum momento inventaram algum tipo de fofoca e jogaram na internet, 66 dos 157 afirmaram positivamente. Entre os entrevistados, 54,2% admitiram já ter postado nas redes sociais vídeos ou fotos de colegas que os deixaram constrangidos.

Tal situação demonstra que na visão dos entrevistados é mais fácil agredir os colegas através das redes sociais do que pessoalmente, visto que o contato direto entre vítima e agressor não existe e a sensação de impunidade é maior.

Quando questionados sobre a percepção de qual gênero mais sofria com situações de violência dentro da Instituição, os estudantes entrevistados afirmaram que o gênero feminino é o mais vitimado, conforme o gráfico abaixo.



Durante todo o percurso percorrido desde a elaboração e desenvolvimento das investigações até a aplicação do mesmo, muitos aspectos puderam ser observados em relação ao fenômeno *bullying* na Instituição analisada.

Dos objetivos propostos no início da construção do presente Trabalho de Conclusão de Curso um dos primeiros pontos a ser ressaltado é o fato de que, ao ser analisado o Projeto Político da Escola pôde-se perceber que o mesmo ainda não contempla práticas de enfrentamento de situações de violência dentro da

escola permitindo com que a situação, por vezes, acabe ficando em segundo plano ou sendo administradas as situações isoladas que ocorrem no cotidiano da unidade escolar.

Mesmo com tantas possibilidades e meios de comunicação ainda é visível a falta de interesse por este tipo de informação, pois através das entrevistas, claramente pôde-se perceber que ainda há estudantes que não possuem conhecimento suficiente sobre o significado do fenômeno bullying e de suas consequências na vida das vítimas. Numericamente falando, 22 dos 157 entrevistados não souberam ou não responderam quando indagados sobre o que é *bullying* e *cyberbullying*.

Ao longo do período de desenvolvimento da presente pesquisa algumas situações vexatórias ocorreram e a equipe gestora teve que tomar duro posicionamento para a resolução das mesmas. Um dos casos foi de violência verbal e física onde a equipe gestora veio por descobrir que as ameaças já estavam acontecendo há certo tempo. Os envolvidos receberam acompanhamento psicológico. O segundo caso foi o vazamento de fotos íntimas de menor no *Facebook*. Como esse caso é mais delicado, as informações sobre as decisões e encaminhamentos referentes aos agressores e à vítima não foram disponibilizadas.

Por falta de tempo hábil, desenvolver um trabalho mais incisivo com todas as turmas da Instituição não foi possível, mas uma cartilha que estará anexada ao fim do artigo foi elaborada distribuída para as turmas entrevistadas no intuito de informá-las e conscientizá-las sobre esse fenômeno que tanto tem flagelado adolescentes no mundo todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Carrara (2009), pode-se considerar que a sociedade brasileira é heteronormativa, machista, na qual se valoriza o branqueamento da população e o culto ao corpo perfeito.

Diferentes desigualdades se sobrepõem e se reforçam. [...] aquele que é considerado como cidadão, o sujeito político por excelência, é homem, branco e heterossexual. Em torno dele constrói-se todo um universo de diferenças desvalorizadas, de subcidadãos e subcidadãs. (CARRARA, S. 2009, p.15).

O que leva algumas pessoas a se sentirem forçadas a se adequar a esses padrões, para sentirem-se aceitas.

“Etnocentrismo, estereótipo, preconceito e discriminação são ideias e comportamentos que negam humanidade àqueles e àquelas que são suas vítimas”. (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p. 23). É possível observar que aqueles que não conseguem enquadrar-se na ditadura dos modismos acabam sendo discriminadas e/ou marginalizadas a ponto de sofrerem violências em seus mais diversos níveis. A consequência disso é que se acabou gerando, ao longo do tempo, uma situação de violência que atualmente já está alcançando gigantescas proporções, pois a mesma está tornando-se problema de saúde pública.

“Fica evidente que a escola é instituição-parte da sociedade e por isso não poderia se isentar dos benefícios ou das mazelas produzidos por essa mesma sociedade”, (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p. 23), ou seja, a violência tão presente nas instituições de ensino é herança negativa de uma cultura hegemônica que prega subconscientemente nas mentes das pessoas que o mais forte sempre terá domínio sobre o mais fraco. Essas ideias podem ser facilmente identificadas nos meios de comunicação massivos ou até mesmo no ambiente familiar, quando são constantes atos agressivos, sejam eles verbais e/ou físicos.

De acordo com Oliveira e Gomes (2012, p.8), “o *bullying* acontece praticamente em todos os lugares; no ambiente escolar os maus tratos [...] é muito comum, tanto que os Conselhos Tutelares [...] estão cada vez mais atribulados de denúncias”. Por isso, abordar as questões de bullying nas unidades de ensino é de fundamental importância, pois nesta pequena reprodução da sociedade, além dos conteúdos programáticos, é necessário o desenvolvimento de práticas que garantam a igualdade entre as pessoas que ali convivem e partilham de experiências cotidianamente, acrescentando positivamente valores de respeito mútuo e valorização das pessoas como parte de um todo único, especial e cheio de diversidade.

Alguns senadores e deputados estão lutando para aprovar projetos de lei que tornem crime atos de violência nos ambiente escolares além de políticas públicas que garantam a conscientização dos indivíduos acerca deste fenômeno (FARIA, 2011; CUNHA, 2009; RANDS, 2009), mas até o momento não possuem resultados precisos de aprovação ou desaprovação. Ao menos as autoridades já

compreendem a necessidade de uma tomada de atitude e como resultado disto, é imprescindível criar uma percepção de que as vítimas deste ‘terrorismo escolar’ sofrem perdas, muitas vezes, irreversíveis.

Vê-se pertinente uma abordagem mais incisiva e até mesmo leis que protejam os cidadãos do fenômeno *bullying* no país, pois a impressão é que o artigo quinto da Constituição Brasileira não têm sido suficiente para conscientizar a população de que “todos são iguais perante à lei, sem distinção de qualquer natureza” (BRASIL, 1988, p. 13).

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos os colegas de profissão que me auxiliaram na execução das entrevistas para o presente TCC e meus tutores Aline de Oliveira Gonçalves, Magda Tânia Martins da Silva e Clóvis Wanzinack que me auxiliaram no desenvolvimento do mesmo. À Rosângela Ziebarth e Jean Almuas que me auxiliaram no *Abstract*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Título II: Dos Direitos e Garantias Fundamentais. Capítulo I: Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos. Disponível em <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988_05.10.1988/art_5_.shtm>. Acesso em 03/09/2015.

BRITTO, P.; REIS, L. **Por pressão, planos de educação de 8 Estados excluem ‘ideologia de gênero’**. Folha de São Paulo, São Paulo, 25, jun. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/06/1647528-por-pressao-planos-de-educacao-de-8-estados-excluem-ideologia-de-genero.shtml>>. Acesso em 25/01/2016.

CARRARA, S. **Educação, diferença, diversidade e desigualdade**. Livro de conteúdo. Versão 2009, Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

CUNHA, V. da. **Projeto de Lei nº 5.369/2009**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=D6E2BC568F9951C384288B9552A83F99.proposicoesWeb1?codteor=662118&filename=PL+5369/2009>. Acesso em 11/10/2015.

FARIA, F. **Projeto de Lei 1011 de 2011.** Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=858789&filename=PL+1011/2011>. Acesso em 11/10/2015.

LIMA, M. F.; ZANLORENZI, C. M. P.; PINHEIRO, L. R. **A função do currículo no contexto escolar.** Curitiba: Ibpex, 2011.

NETO, A. A. L. **Bullying** – Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal pediatria* 2005 volume 81 numero 5. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>> Acesso em 03/09/2015.

OLIVEIRA, J. R. de; GOMES, M. A. . **Bullying:** reflexões sobre a violência no contexto escolar. *Revista Educação por escrito PUCRS* v2 n2 jan.2012. disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/7947/7475>>
Acesso em 03/09/2015.

RANDS, M. **Projeto de Lei Nº 206.481 de 2009.** Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=717266&filename=PL+6481/2009>. Acesso em 11/10/2015.

SANTA CATARINA, Governo do Estado. Secretaria do Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** Formação integral na educação na educação básica. Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação. SI, 2014.

WANZINACK, C. **Bullying e Cyberbullying:** faces silenciosas da violência. **Diversidade e educação:** intersecções entre corpo e gênero e sexualidade, raça e etnia, Matinhos, UFPR Litoral, 2014.

ANEXOS

Curso de Especialização Gênero e Diversidade na Escola

Pólos: Blumenau
Itajaí
Itambé
Lapa
São Paulo / CEU Jaraguá

UFPR
Sem Fronteiras



Cyberbullying é o ato de agredir as outras pessoas através das redes sociais, postando fotos ou vídeos que causem constrangimento às vítimas.



Vai compartilhar?
#eviteproblemas

- Não fale mal de outras pessoas;
- Antes de falar ou digitar, pense;
- Não compartilhe informações privadas;
- Crimes online também possuem punição, que vão desde multa até a prisão;

O QUE É CYBERBULLYING?

Aconteceu comigo. #eagora?

- Salve as mensagens ofensivas que você recebeu, poderão servir de provas;
- Bloqueie as pessoas que estiverem te maltratando;
- Não responda às mensagens ofensivas. Mantenha a calma;
- Evite contato com seu agressor. Fique perto dos amigos;
- Não sofra em silêncio. DENUNCIE!

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola

Polo: Blumenau
Tutora: Aline de Oliveira Gonçalves
Aluno: Danilo Alves de Souza



o que é
BULLYING
cyberbullying

FIQUE
SABENDO

QUAIS OS TIPOS DE BULLYING?

O termo Bullying é utilizado para descrever situações de violência, com intenção de machucar física ou psicologicamente de forma repetida, praticadas por uma pessoa ou um grupo de pessoas e pode causar dor e angústia.



O bullying pode ser exposto:

- Verbalmente:** insultar, apelidar, etc.;
- Fisicamente:** bater, chutar, etc.;
- Materialmente:** Apoderar-se indevidamente de algo que não é seu;
- Psicologicamente:** Fofocas, calúnias...;
- Sexualmente:** Obrigar a vítima a ter atos, práticas ou gestos sexuais sem a sua vontade;
- Virtualmente:** Agressão que ocorre através das redes sociais através de mensagens, fotos e demais postagens no intuito de ofender e/ou constranger a vítima.

perfil do AGRESSOR



É a pessoa ou um grupo de pessoas que vitimiza os mais fracos, podendo ser do sexo masculino ou feminino.



perfil da VÍTIMA

É a pessoa que sofre os ataques de bullying. Normalmente são mais vulneráveis e com baixa autoestima ou que fujam dos padrões determinados pelo grupo.

perfil dos EXPECTADORES

São aqueles que presenciam a agressão, mas que na maioria das vezes optam por não se envolver para que não se tornem as próximas vítimas.



e na escola

BRUNO HOELTGERBAUM

53,50% dos/as alunos/as entrevistados/as afirmam ter sido vítima de bullying;

46,50% já agrediu verbalmente um/a colega de escola;



122 dos/as 157 alunos/as entrevistados/as já presenciaram situações de violência na Intuição;

54,14% dos/as entrevistados/as já postou nas redes sociais (facebook, snapchat, Whatsapp, etc.) fotos ou vídeos constrangedores de seus/suas colegas.